Domingo XXII-C

A Palavra de Deus deste Domingo ensina-nos a humildade:

*«Quando fores convidado para um banquete, não ocupes o primeiro lugar… Porque todo aquele que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado»* (Cf. Lc 14, 1-14)

**A primeira leitura, tirada do Livro de Bem-Sirá diz:** ***«****Filho, pratica as tuas obras com doçura, e serás mais amado do que o homem generoso.* *Quanto maior fores, mais te deverás humilhar, e encontrarás benevolência diante de Deus.* *Muitos são os homens altivos e soberbos, mas é aos humildes que Deus revela os seus segredos.* *Pois é grande o poder do Senhor, mas é pelos humildes que Ele é glorificado».* (Sir 3,17-20)

A Carta aos Hebreus convida-nos a olhar para a eternidade: *«Vós, porém, aproximastes-vos do monte Sião e da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celeste, de miríades de anjos, da reunião festiva, 23da assembleia dos primogénitos inscritos nos céus, do juiz que é o Deus de todos, dos espíritos dos justos que atingiram a perfeição, de Jesus, o Mediador da Nova Aliança»* (Heb 12, 22-24)

O Evangelho apresenta Jesus convidado para uma refeição em casa de um fariseu (Lc 14,1.7-14). Diversas vezes, Jesus utiliza o banquete para ensinar (cf. Lc 5,29-39; 7,36-50; 11,37-54; 19,5-6), além das refeições pascais de antes e depois da ressurreição (cf. Lc 22,14-23; 24,41-43). Três dessas refeições foram em casa de fariseus (cf. Lc 7,36ss; 11,37ss; 14,1ss), sendo esta a última.

Eis o texto: **“Aconteceu que, num dia de sábado, Jesus foi comer na casa de um dos chefes dos fariseus. E eles o observavam”**(v. 1). Nos dias de sábado, após o culto matinal da sinagoga, as famílias almoçavam festivamente; a comida já tinha sido preparada na véspera, a sexta-feira, o “dia da preparação”, uma vez que nenhum trabalho poderia ser feito no sábado, dia do culto e do repouso. Os judeus mais influentes costumavam oferecer verdadeiros banquetes, convidando com frequência o pregador, de modo que o almoço fosse uma extensão do culto. Assim, à mesa se discutia o assunto da pregação, tirando as dúvidas suscitadas.

Isso nos faz supor que, naquele sábado, Jesus pregou na sinagoga e, a seguir, foi convidado para refeição em casa do chefe dos fariseus. Como a fama de Jesus já se tinha espalhado bastante, os primeiros interessados em conferir o teor da sua mensagem eram os fariseus, como guardiães da sã doutrina na época.

**Ao dizer que “observavam” Jesus**, o evangelista denuncia a intenção oculta do convite: observar cuidadosamente os gestos e as palavras de Jesus para o acusarem de blasfémia e de transgressor da Lei de Deus, uma vez que Jesus geralmente trazia elementos novos que eles não aceitavam.

Podemos dizer que havia uma dupla malícia: *os fariseus convidavam Jesus para observá-lo e depois acusá-lo, e Jesus aceitava tais convites para desmascará-los, muito mais que para desfrutar da fartura do banquete, como evidencia o próprio texto:* “**Jesus notou como os convidados escolhiam os primeiros lugares. Então, contou-lhes uma parábola:”**(v. 7).

Jesus observa tanto aos convidados, como o anfitrião afim de dar aos seus discípulos um ensinamento sobre a humildade (vv. 8-11), a generosidade e a gratuidade (vv. 12-14), isto é, um estilo de vida que não exclue ninguém.

- os convidados escolhem os primeiros lugares e, depois, ficam envergonhados quando devem recuar. Jesus não ensina a esperteza: como ter sucesso e ser promovido, passando do último para o primeiro lugar (v. 10). Jesus propõe a dinâmica do Reino de Deus do serviço gratuito e desinteressado e, por isso, previne os discípulos para que não imitem a hipocrisia dos fariseus, como fez com a parábola do fariseu e o publicano (cf. Lc 18,9-14). Os seus discípulos não devem procurar os primeiros lugares, mas devem cultivar atitude de humildade e de serviço. O servidor não procura lugares de honra, mas o bem do próximo. O banquete dos fariseus é um mau exemplo que os cristãos não devem imitar. Os discípulos devem renunciar aos lugares de destaque e escolher com humildade, o lugar do serviço e do amor gratuito, renunciando a qualquer indício de concorrência e egoísmo.

A segunda advertência completa a primeira: “**E disse também a quem o tinha convidado: “Quando tu deres um almoço ou um jantar, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem teus vizinhos ricos. Pois estes poderiam também convidar-te e isto já seria a tua recompensa. Pelo contrário, quando deres uma festa, convida os pobres, os aleijados, os coxos, os cegos” (vv. 12-13)**.

Esse conselho ao dono da casa é simplesmente revolucionário. Mas este conselho torna-se uma atitude necessária para os discípulos. O serviço, a humildade e a generosidade devem superar todas as formas de exclusão e marginalização.

Jesus identificou, naquele banquete, quatro categorias de convidados: **“amigos, irmãos, parentes e vizinhos ricos”** (v. 12), e todas com capacidade de retribuir. Jesus reverte a situação, propões outros critérios, em primeiro lugar convidar os que não poderão retribuir. Por isso, sugere também quatro categorias: **“os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos”** (v. 13).

De acordo com a Lei, quem fosse portador de qualquer deficiência física, incluindo “cegos, coxos e aleijados”, não podia sequer entrar no templo (cf. Lv 21,18-20), mas, para Jesus, eles devem ser os convidados principais do banquete do Reino.

Para aquele fariseu e seus convidados, o que Jesus disse foi apenas uma sugestão. Para os cristãos, é compromisso e exigência: não há vida cristã sem luta pela inclusão e pela superação de todas as formas de discriminação e preconceitos.

Na conclusão, **Jesus proclama uma bem-aventurança**

destinada a quem aceitar o seu projeto de inversão de ordem nas estruturas e nos costumes exclusivistas, conservados pela religião e a sociedade da época: **“Então, tu serás feliz! Porque eles não te podem retribuir. Tu receberás a recompensa na ressurreição dos justos”**(v. 14). É feliz quem assimila a lógica do Reino. A única recompensa para quem acolhe os mais necessitados, e excluídos em geral, é a certeza do amor de Deus em demasia. A expressão “ressurreição dos justos”, aqui, não é uma definição doutrinal, mas significa uma relação tão íntima com Deus que nem a morte consegue interromper. E, aquilo que garante essa relação é o amor e a solicitude para com os mais necessitados.